

Relação entre Práticas Parentais e Problemas de Externalização e Internalização: Papel Mediador do Vínculo do Apego

Sandra Adriana Neves Nunes*

Universidade Federal do Sul da Bahia, BA, Brasil

Ana Maria Xavier Faraco*

Mauro Luis Vieira*

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Kenneth H. Rubin

University of Maryland, Maryland, EUA

RESUMO

Os problemas emocionais e comportamentais infantis têm sido alvo de crescente investigação devido a sua alta estabilidade e por precederem os transtornos psicopatológicos na vida adulta. Esse estudo objetivou investigar o papel mediador do vínculo de apego na relação entre práticas parentais e problemas externalizantes (agressividade/delinquência) e internalizantes (retraimento social/ansiedade/depressão). Um total de 289 crianças ($M = 10,5$ anos, $DP = 0,77$) responderam à *Security Scale* e 181 mães responderam ao *Child Rearing Practices Report-Q* e, também, ao *Child Behavior Checklist*. Os resultados revelaram o papel mediador do vínculo de apego materno nos problemas externalizantes, mas não nos internalizantes, e salientam a importância de se considerar a qualidade do apego nas relações entre práticas parentais e problemas emocionais e comportamentais na infância.

Palavras-chave: problemas externalizantes; problemas internalizantes; vínculo de apego; práticas parentais.

ABSTRACT

Relationship between parenting and internalizing and externalizing problems: the mediating role of attachment

Children emotional and behavioral problems have been a topic of increasing investigation due to its high stability and its role as a predictor to psychopathological disorders in adulthood. This study investigated the mediating role of attachment to the association between parenting practices externalizing problems (aggression and delinquency) and internalizing (social withdrawal and anxiety / depression). A total of 289 children ($Age = 10,5$; $SD = 0,77$) answered the *Security Scale*, an instrument about parenting practices (PRRC) and the *Child Behavior Checklist*. The results indicated that the quality of maternal attachment played a mediating role on externalizing problems, but not on internalizing which emphasize the important role that attachment quality can play in the association between parenting practices and emotional and behavioral problems in childhood.

Keywords: externalizing problems, internalizing problems; attachment, parenting practices.

* Endereço para correspondência: Sandra Adriana Neves Nunes – psandranunes7@hotmail.com

* Endereço para correspondência: Ana Maria Xavier Faraco – anna_marbr@yahoo.com.br

* Endereço para correspondência: Mauro Luis Vieira – maurolvieira@gmail.com

* Endereço para correspondência: Carolina Saraiva de Macedo Lisboa – lisboacar@gmail.com

Na passagem da infância para a pré-adolescência (aproximadamente entre os 9 e os 13 anos de idade), a criança atravessa um período importante de transição no ciclo vital, no qual se iniciam mudanças fundamentais. Novas exigências sociais surgem nas diferentes esferas da vida, entre elas o ingresso na segunda etapa do ensino fundamental. Expectativas concernentes à nova organização e dinâmica social escolar podem surgir. Os familiares, em especial os pais, tendem, por um lado, a adotar posturas que incentivam a autonomia e independência dos filhos na execução das tarefas escolares e, por outro, a interferirem menos nas escolhas pessoais relativas às amizades, ao lazer e às atividades esportivas, para citar alguns exemplos.

Esta etapa, descrita como um período crítico do desenvolvimento, é também considerada como "maturity gap", ou seja, lacuna de maturidade, uma fase de evolução, mudança e também de conflitos e ambivalências (Moffitt, Caspi, Dickson, Silva, & Stanton, 1996). Neste período, é possível que sinais de problemas comportamentais e emocionais estejam exacerbados e associados às primeiras manifestações psicopatológicas que podem acompanhar o indivíduo por toda a sua vida (Lacourse et al., 2002).

Dentro da área da Psicopatologia do Desenvolvimento, as dificuldades de ajustamento socioemocional das crianças têm sido agrupadas em duas grandes categorias: a dos "problemas de externalização" (*externalizing*) ou de pouco controle (*undercontrol*) sobre suas emoções, pensamentos e comportamentos e a dos "problemas de internalização" (*internalizing*) ou de controle excessivo (*overcontrol*) desses processos (Achenbach & Edelbrock, 1978; Achenbach, Howell, Quay, & Conners, 1991). Os problemas de externalização manifestam-se sob a forma de agressividade, impulsividade, comportamentos desafiadores e antisociais. Os problemas de internalização, por outro lado, têm sido caracterizados pela propensão de expressar estresse em direção a si próprio – em oposição aos de externalização, nos quais essa expressão se dá em direção aos outros (Cosgrove et al., 2011) – e manifestam-se sob a forma de retraimento social, inibição, depressão ou das mais variadas formas de ansiedade (Achenbach & Edelbrock, 1978)

Estima-se que nos países desenvolvidos cerca de 20% das crianças apresentem problemas comportamentais sérios que afetam as atividades de vida diária (Sawyer et al., 2001). Também há evidências de que

estes problemas permaneçam estáveis durante a infância. De fato, estima-se que 40 a 60% das crianças que apresentam problemas em níveis muito sérios quando estão com três ou quatro anos de idade, permaneçam com estes problemas quando atingem 10 anos de idade (Mathiesen, Sanson, Stoolmiller, & Karevold, 2009). Além disso, os problemas de externalização e de internalização podem ser entendidos como sistemas que se desenvolvem sob os efeitos de "cascata desenvolvimental" (Masten et al., 2005; Masten & Cicchetti, 2010). Ou seja, o funcionamento atípico em determinado domínio, nível ou sistema (por exemplo, agressividade no domínio social), influencia o funcionamento de outro(s) domínio(s), nível(is) ou sistema(s) (por exemplo, baixo rendimento acadêmico no domínio da aprendizagem escolar) ao longo do tempo.

Por suas implicações negativas para a criança, seus familiares e a sociedade em geral, pesquisadores de diferentes culturas têm buscado compreender os fatores associados a estes problemas emocionais e comportamentais, dentre os quais, aqueles relacionados à parentalidade (*parenting*) têm recebido destaque no campo da Psicopatologia do Desenvolvimento (Masten et al., 2005). Dois grupos de estudos se destacam na investigação dos efeitos da parentalidade sobre os problemas de comportamento infantil: os que empregam a Teoria do Apego de Bowlby (1984/1973) e os que investigam as práticas educativas parentais.

O apego, entendido como um sistema comportamental inato, cuja função básica é a busca de proximidade e de segurança parental (Bowlby, 1990/1977) propicia o estabelecimento de um laço precoce e persistente entre o bebê e seu cuidador primário. A qualidade do vínculo de apego (seguro ou inseguro) tem implicações para o desenvolvimento psicossocial posterior do indivíduo (Bowlby, 1990/1977). Além disso, ainda que a qualidade do vínculo de apego, ao longo da infância, sofra a influência de diferentes relações interpessoais como mãe, pai, amigos, ou outros parentes (Kerns & Richardson, 2005), há evidências de que, mesmo nas fases mais tardias da infância, mães e pais tendam a ser citados como a principal fonte de suporte emocional e modelos na vida das crianças (Furman & Buhrmester, 1992).

A associação entre qualidade do vínculo do apego e problemas de comportamento do tipo externalizantes está bem estabelecida na literatura (Fearon, Bakermans-Kranenburg, van IJzendoorn, Lapsley, & Rois-

man, 2010; Gault-Sherman, 2011; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013; Nunes, Faraco, Vieira, & Rubin, 2013). No entanto, forte evidência de associação em relação aos problemas do tipo internalizantes tem sido também encontrada (Brumariu & Kerns, 2010; Nishikawa, Hägglöf, & Sundbom, 2010; van Brakel, Muris, Bogels, & Thomassen, 2006; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013; Nunes, Faraco, Vieira, & Rubin, 2013). Finalmente, ainda que a maioria dos estudos reporte apenas o vínculo de apego materno, também há evidências de que o vínculo de apego paterno esteja associado negativamente aos problemas externalizantes (Booth-Laforce, et al., 2006; Gault-Sherman, 2011) e aos internalizantes (Brumariu & Kerns, 2010; Desjardins & Leadbeater, 2011; Liu, 2008; Roelofs, Meesters, ter Huurne, Bamelis, & Muris, 2006; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013; Nunes, Faraco, Vieira, & Rubin, 2013).

O apego, no entanto, não pode ser considerado como o único fator ou aspecto familiar envolvido nos problemas de comportamento na infância e adolescência. As práticas parentais também podem exercer um papel importante no curso de desenvolvimento atípico. Por práticas parentais se entende as estratégias empregadas pelos pais visando à promoção da socialização dos filhos (Salvo, Silveira, & Toni, 2005). Dentre as práticas parentais que melhor predizem psicopatologia na infância e adolescência, a rejeição parental (Rohner & Britner, 2002) e o controle comportamental e psicológico (Barber, 1996) têm recebido especial atenção. Em linhas gerais, entende-se que a rejeição parental é um dos mais importantes preditores dos problemas externalizantes e internalizantes (Connor & Rueter, 2006; Roelofs et al., 2006; Rohner & Britner, 2002; Nunes, Faraco, Vieira, & Rubin, 2013). Esse resultado tem sido confirmado em várias culturas (Rohner & Britner, 2002). Por outro lado, controle comportamental inadequado (medido pelos indicadores de baixa supervisão e falta de disciplina) pode estar associado a problemas externalizantes como agressividade, indisciplina, impulsividade, dificuldades para lidar com frustração (Aunola & Nurmi 2005; Barber, 1996; Ferreira & Maturano, 2002; Laird, Marrero, & Sentse, 2010). Em estudo recente, encontramos que baixo controle comportamental foi preditor também de ansiedade e depressão em meninas (Nunes, Faraco, & Vieira, 2013). Finalmente, controle psicológico, entendido como prática parental coercitiva que se contrapõem ao atendimento das necessida-

des psicológicas de autonomia dos filhos, parece estar associado tanto a problemas de natureza internalizante como externalizante (Aunola & Nurmi, 2005; Barber, 1996; Finkenauer, Engels, & Baumeister, 2005; Karremans, van Tuijl, van Aken, & Deković, 2009; Salvo et al., 2005; Soenens, Luyckx, Vansteenkiste, & Duriez, 2008; Wolfradt, Hempel, & Miles, 2003; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013).

Um dos primeiros estudos que inclui os dois grupos de variáveis (relativas ao apego e às práticas parentais) foi conduzido por Booth, Rose-Krasnor, McKinnon e Rubin (1994) com um grupo de 79 crianças e suas mães. Os autores estavam interessados em descobrir se as variáveis relativas à qualidade da relação mãe e filho (condição geral da mãe, medida pelo nível de estresse materno, depressão, disponibilidade de suporte social), apego em relação à mãe e estilo parental materno (afeto e negatividade materno), medidas aos quatro anos de idade (T1), seriam preditoras dos problemas externalizantes, internalizantes e aceitação/engajamento social, aos oito anos de idade (T2). Eles partiam da premissa que o apego em relação à mãe seria o melhor preditor de ajustamento sócio-emocional das crianças. Os autores tiveram sua hipótese parcialmente confirmada. Dentre os potenciais preditores testados (e depois de terem controlado os efeitos dos problemas de comportamento no T1), o vínculo de apego em relação à mãe aos quatro anos de idade mostrou-se com o melhor preditor da redução dos problemas internalizantes e do engajamento/aceitação social aos oito anos. No entanto, em relação aos problemas externalizantes, a predição hipotetizada não se confirmou. De fato, o estilo parental materno (especificamente pouco afeto) foi o único preditor que explicou a variabilidade dos problemas externalizantes. Os autores sugerem que é possível que, no que diz respeito à manifestação de problemas externalizantes, as crianças ao interagirem com pares de forma agressiva podem estar exibindo uma reação geral ao modo como são tratadas pela mãe, ou seja, a criança pode estar imitando o comportamento social modelado pelo estilo interativo materno.

Compartilhando deste interesse, dois estudos, além de examinar os efeitos preditivos dos dois sistemas parentais sobre os problemas externalizantes e internalizantes, investigaram a hipótese de que apego parental seria mediador na relação entre práticas parentais e problemas de comportamento dos filhos. Doyle e Markiewicz (2005) investigaram, em 175 adolescentes

com idades entre 13 e 15 anos, as contribuições das práticas de afeto, controle comportamental e controle psicológico e do tipo de apego em relação a ambos os pais no ajustamento infantil (em termos de ansiedade/depressão e delinquência e autoestima), ao longo de dois anos. Todas as medidas foram aplicadas junto aos adolescentes e, portanto, refletem suas percepções quanto à qualidade do vínculo de apego com os pais, bem como das práticas por eles utilizadas no processo de socialização. Estas autoras verificaram que controle psicológico foi o melhor preditor de problemas internalizantes no primeiro e no segundo ano, seguido de apego ansioso. Afeto parental, por sua vez, predisse o decréscimo de problemas externalizantes ao longo do tempo. Controle comportamental não se associou a nenhum problema comportamental e as autoras atribuem esse resultado a problemas de mensuração do constructo. No que diz respeito às hipóteses mediadoras, o vínculo de apego mediou a relação entre afeto parental e problemas externalizantes e autoestima. Além disso, o apego parental não mediou o efeito do controle comportamental nem do controle psicológicos sobre os problemas de comportamento estudados.

Num segundo estudo, conduzido na Bélgica, com 511 crianças e adolescentes (idades entre 10 e 18 anos), que incluiu as dimensões de apego em relação à mãe e ao pai e práticas parentais na predição dos problemas de comportamento, foi hipotetizado que o apego exerceria um papel mediador entre parentalidade positiva e problemas externalizantes e entre controle negativo e problemas externalizantes (Bosmans, Braet, Van Leeuwen, & Beyers, 2006). Os autores concluíram que o apego, tanto em relação à mãe como ao pai, é uma variável mediadora da relação entre controle negativo e problemas externalizantes, ou seja, o vínculo de apego pode representar um fator de proteção que minimiza o efeito do controle negativo no desenvolvimento de problemas externalizantes pela criança. Apenas para os grupos de crianças mais jovens (10-12 e 13-15 anos de idade). Para os autores, é possível que, no caso dos adolescentes, a qualidade das relações com pares exerça maior influência do que a das relações com os pais no comportamento dos jovens.

Finalmente, recentemente, um estudo conduzido na Espanha com 203 pré-adolescentes investigou o papel potencialmente mediador de segurança emocional entre afeto materno e problemas externalizantes e internalizantes (Alegre, Benson, Pérez-Escoda, 2014)

Os autores concluíram que houve o efeito mediador da variável segurança emocional, isto é, altos níveis de afeto materno estiveram associados a maiores níveis de segurança emocional, que por sua vez, tende a promover menos problemas internalizantes e externalizantes nos filhos.

Partindo-se do pressuposto de que a qualidade da relação de apego pode mediar os efeitos das práticas parentais maternas no comportamento da criança, o presente estudo teve como objetivo examinar se o vínculo de apego exerceria função mediadora na relação entre práticas parentais e problemas de comportamento (externalizantes e internalizantes) dos filhos. A identificação do apego como variável mediadora permite examinar se as práticas parentais maternas exercem efeito sobre um problema comportamental específico, através da qualidade do vínculo de apego. Em outros termos, permitem estabelecer que as práticas parentais exercem efeitos sobre o modo como a criança percebe sua vinculação com a mãe, e que essa percepção de vinculação, por sua vez, exerce impacto sobre a expressão de problemas do tipo externalizantes e/ou internalizantes.

MÉTODO

Participantes

Participaram do estudo 289 crianças (51,8% meninos), com idades entre 9 e 13 anos ($M = 10,5$ anos, $DP = 0,77$), de duas escolas da rede municipal e estadual de duas cidades do sul do Brasil e 181 mães. As mães tinham em média 37,28 anos ($DP = 7,06$), sendo a maioria (84,4%), com nível fundamental ou médio de escolaridade e 52,8% tinha emprego regular. Os questionários foram administrados às crianças, em grupos, em sala de aula, em horário acordado entre escola e pesquisadores. As mães responderam ao questionário sobre práticas parentais individualmente, em suas casas, em horário previamente agendado.

Desse estudo aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob o parecer 038/2009 do dia 29 de maio de 2009, participaram da amostra apenas os adultos que assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e as crianças que tiveram o TCLE devidamente assinado pelos cuidadores. As mães foram convidadas pelos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas a participar de um encontro com os pesquisadores

para que pudessem ser esclarecidos os objetivos do estudo e as condições em que ele deveria ocorrer. Ao final desse encontro, foram agendados horários para encontros individuais com as mães que manifestaram interesse em participar do estudo. Nesses encontros, os pesquisadores solicitavam que o TCLE fosse lido e assinado pelas participantes. No TCLE era descrito que se a mãe aceitasse participar do estudo, ela estaria autorizando que o pesquisador solicitasse que ela preenchesse alguns questionários e que seriam coletados dados na escola sobre seu(a) filho(a). Todos os cuidados éticos previstos na Resolução n.196/1996 - Conselho Nacional de Saúde e Resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia foram tomados. Os participantes foram avisados sobre o anonimato em relação aos dados e da liberdade em recusar-se a participar do estudo e da ausência de riscos que a pesquisa oferecia.

Medidas

A qualidade do vínculo de apego foi acessada pela *Security Scale* (Escala de Segurança) de Kerns, Keplac e Cole (1996), que é composta de 15 itens ($\alpha = 0,74$). Todos os alfas aqui reportados para esse e para os demais instrumentos foram obtidos neste estudo. Cada item era composto por uma frase contendo duas afirmações conectadas pela conjunção adversativa “porém”. Exemplo: “*Algumas crianças acham fácil contar com sua mãe para ajuda, porém, outras crianças acham difícil contar com a sua mãe quando precisam*”. As crianças eram orientadas, em cada item, a primeiro escolherem a afirmação que melhor as descrevia (se a primeira afirmação, antes do “porém”, ou se a segunda, depois do “porém”). Uma vez escolhida a parte da afirmação que melhor lhe descrevia, a criança era solicitada a indicar o grau de concordância com a afirmação escolhida (“verdade” ou “em parte verdade”). Esse formato gerava uma escala de quatro pontos. Por exemplo, se ela concordasse fortemente com a primeira parte da frase “*Algumas crianças acham fácil contar com sua mãe para ajuda*”, (isto é, escolhesse a opção “verdade”) ela receberia o escore 4, se ela concordasse fortemente (“*verdade*”) com a segunda parte da frase “*outras crianças acham difícil contar com a sua mãe quando precisam*”, ela receberia a pontuação 1. Os escores totais poderiam variar de 15 a 60 pontos com os escores mais altos indicando percepção de apego seguro e os mais baixos, de apego inseguro.

As dimensões das práticas parentais foram acessadas por meio do instrumento *Child-Rearing Practices Report Questionnaire* (Questionário de Relato de Práticas de Criação) revisado por Rickel e Biasatti (1982). O CRPR é composto de 42 itens do tipo *Likert*, com uma escala de seis pontos (sendo 1 = discordo fortemente e 6 = concordo fortemente). Neste estudo, foram extraídos três fatores a partir de Análises Fatoriais Exploratórias, com rotação *varimax*: o fator rejeição, composto de três itens ($\alpha = 0,69$), que incorporou questões que denotavam desapontamento, hostilidade e interação conflituosa entre mães e filhos (Ex: “*Eu me sinto um pouco decepcionado(a) com meu filho*”); o fator controle comportamental, com 14 itens ($\alpha = 0,70$) que acessa o modo como as mães regulam o comportamento dos filhos, por meio de exigência plausível de maturidade, de monitoramento (Ex: “*Eu me mantenho informado sobre onde meu filho está e o que está fazendo*”) e, finalmente, o fator controle psicológico com 13 itens ($\alpha = 0,69$), marcado pela intrusividade parental, indução de culpa e de ansiedade (Ex: “*Eu creio que meu filho deve estar ciente de quanto eu me sacrifico por ele*”). Os 12 itens restantes foram excluídos da análise, por não carregarem em nenhum dos fatores (foram excluídos os itens com carga fatorial $< 0,30$).

Os problemas de externalização e de internalização foram acessados separadamente por meio de quatro subescalas do *Child Behavior Checklist 4-18 years* (Lista de Verificação comportamental para Crianças/adolescentes 4-18 anos), de Achenbach (1991). Para os problemas de externalização foram empregadas as subescalas de agressividade ($\alpha = 90$), com 21 itens que descrevem comportamentos abertamente agressivos, e de delinquência ($\alpha = 83$), com 15 itens que cobrem comportamentos envolvendo violação de regras legais ou morais. Já para os problemas de internalização foram empregadas as subescalas de retraimento social ($\alpha = 75$), com 10 itens que descrevem comportamento de isolamento social, timidez e dificuldades sociais com pares, e a de ansiedade/depressão ($\alpha = 82$), com 18 itens que acessam sintomas de comportamentos e pensamentos depressivos e de ansiedade generalizada. Tanto o CRPR quanto o *Child Behavior Checklist* foram respondidos pelas mães. Todos os instrumentos foram traduzidos por professores fluentes em inglês e posteriormente foi feita a “*backtranslation*” por diferentes profissionais. As dúvidas foram discutidas e dirimidas e expressões ou

situações adaptadas para o contexto brasileiro. Antes de iniciar a coleta de dados, foi realizado um teste piloto com crianças na mesma faixa etária que os participantes dessa pesquisa.

Procedimentos para análise dos dados

Nesse estudo foram empregadas Análise de Regressão Múltipla e Análise de Mediação. Todas as premissas para se proceder com a análise de regressão foram testadas: normalidade, linearidade, multicolinearidade e homocedasticidade (Cohen & Cohen, 1983; Pedhazur, 1997). As análises indicaram que não houve sérias violações a nenhuma das premissas.

Para testar se a variável vínculo de apego materno funcionaria como mediadora entre rejeição, controle comportamental e controle psicológico e cada um dos problemas externalizantes e internalizantes sob investigação, adotou-se o procedimento proposto por Judd e Kenny (1981) e, posteriormente, desenvolvida por Baron e Kenny (1986). De acordo com esses autores evidência de mediação pode ser encontrada através do seguinte procedimento: 1) examinar se a variável preditora (neste caso, rejeição, controle comportamental e controle psicológico maternos) associa-se à variável critério (neste caso, agressividade, delinquência, retraimento social e ansiedade/depressão); 2) examinar se a variável preditora associa-se à variável mediadora (apego materno); 3) examinar se a variável mediadora

correlaciona-se com a variável de critério; e, finalmente, examinar se, com a inclusão da variável mediadora, juntamente com a variável preditora na equação de regressão, a variável preditora deixa de exercer efeito sobre a critério (mediação completa) ou se a associação entre a preditora e a critério diminui em tamanho absoluto (mediação parcial).

Finalmente, para examinar o tamanho do efeito (magnitude da diferença), foi empregado o teste de Sobel (Preacher & Hayes, 2004). De acordo com estes autores, um dos pressupostos para o teste de *Sobel* é que a amostra seja grande. De modo geral, o valor crítico para uma distribuição bicaudal, assumindo que a distribuição seja normal, é $p \leq 0,05$ ou acima de $\pm 1,96$ na tabela do teste *z*. No presente estudo, o valor crítico de $p \leq 0,10$, foi reportado como “forte tendência” devido ao fato de o teste de Sobel ser muito sensível ao tamanho da amostra (Preacher & Hayes, 2004). Assume-se, assim, que caso a amostra fosse maior, o teste apresentaria resultados significativos.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados das análises de predição de problemas de comportamento (critério 1) e apego em relação à mãe (critério 2) a partir das variáveis relativas às práticas parentais maternas (N = 181).

Tabela 1

Análise de regressão: preditores das variáveis relativas aos problemas de comportamento e do apego em relação à mãe

| | Rejeição Materna | | Controle Comportamental | | Controle Psicológico | |
|---------------------|------------------|----------------|-------------------------|----------------|----------------------|----------------|
| | B | R ² | B | R ² | β | R ² |
| Agressividade | 0,19** | 0,04** | - 0,17* | 0,02* | 0,04 | -0,00 |
| Delinquência | 0,28*** | 0,08*** | -0,20** | 0,03** | 0,06 | -0,00 |
| Retraimento Social | 0,10 | 0,00 | -0,08 | 0,00 | 0,02 | 0,00 |
| Ansiedade/depressão | 0,17* | 0,02* | 0,04 | -0,00 | 0,12 | 0,01 |
| Apego mãe | -0,17 * | 0,03* | 0,19* | 0,03* | -0,11 | 0,00 |

***p < 0,001 **p < 0,01 *p < 0,05 †p < 0,10

Em virtude do fato de o controle psicológico não ter se associado a nenhum dos problemas de comportamento (critério 1), a análise de mediação para essa variável ficou inviabilizada. Além disso, controle

comportamental não se associou a essa mesma variável (critério2).

A Figura 1 apresenta o teste de mediação da variável apego-mãe na relação entre rejeição materna e agressividade infantil.

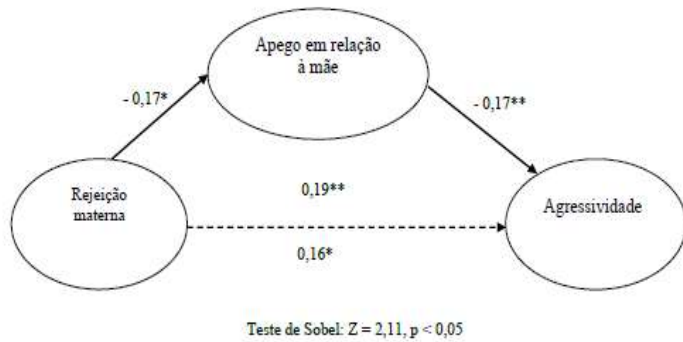


Figura 1. Apego em relação à mãe como mediador da associação entre rejeição materna e agressividade infantil.

Nota. Todos os valores são coeficientes betas padronizados obtidos nas análises de regressão.

** p < 0,01 * p < 0,05

Rejeição materna associou-se positivamente a agressividade (critério 1) e negativamente a apego materno (critério 2). Essa variável mediadora (apego materno) também exibiu correlação inversa com agressividade (critério 3). Além disso, quando controlada a variável mediadora (apego materno), rejeição materna predisse, ainda, a agressividade, mas teve seu coeficiente padronizado (β) diminuído. A redução do

valor de β da variável preditora, com a entrada da variável mediadora na equação foi significativa, de acordo com o *sobel test* ($Z= 2,11$, $p < 0,05$) sugerindo ser o apego em relação à mãe um mediador parcial da relação entre rejeição materna e agressividade.

Com relação à predição de delinquência, processo similar foi observado, como pode ser observado na Figura 2.

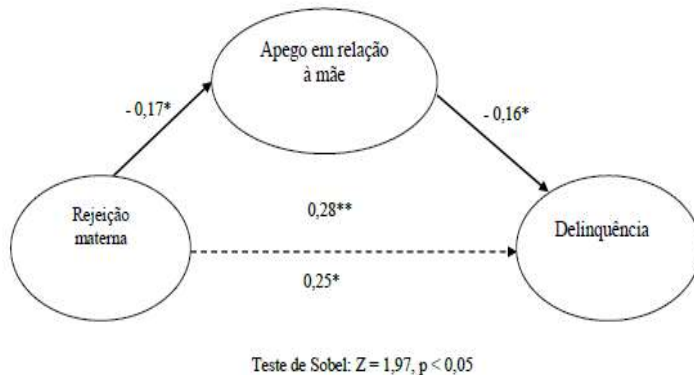


Figura 2. Apego em relação à mãe como mediador da associação entre rejeição materna e delinquência infantil.

Nota. Todos os valores são coeficientes betas padronizados obtidos nas análises de regressão.

*** p < 0,001 ** p < 0,01 * p < 0,05

Rejeição materna associou-se positivamente a delinquência (critério 1) e negativamente a apego em relação à mãe (critério 2). Apego materno correlacionou-se negativamente com delinquência (critério 3). Uma vez controlada a variável mediadora (apego em

relação à mãe), rejeição materna teve seu coeficiente padronizado (β) reduzido, e essa redução também foi significativa ($Z= 1,97$, $p \leq 0,05$), indicando que apego materno exerce mediação parcial da relação entre rejeição materna e delinquência.

Prosseguindo-se com a análise de mediação, buscou-se investigar se apego materno mediaria o *link* entre controle comportamental materno e problemas

do tipo externalizantes. A Figura 3 apresenta os resultados desta análise de mediação:

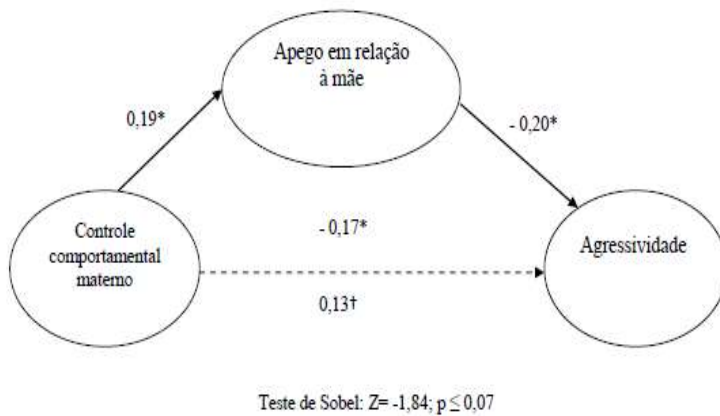


Figura 3. Apego em relação à mãe como mediador da associação entre controle comportamental materno e agressividade infantil.

Nota. Todos os valores são coeficientes betas padronizados obtidos nas análises de regressão.

* $p < 0,05$ † $p < 0,10$

Controle comportamental materno exibiu associação negativa com agressividade (critério 1) e positiva com apego materno (critério 2). Além disso, apego materno correlacionou-se negativamente com agressividade (critério 3). Finalmente, ao ser introduzida a variável apego materno na equação, o controle comportamental materno não apresentou poder preditivo sobre agressividade, já que teve seu coeficiente padronizado (β) diminuído a ponto de deixar de ser significativo, passando a ser apenas uma tendência de associação. O *sobel test* indica que a diferença nos valores de β está muito próxima de ser significativa ($Z = -1,84; p \leq 0,07$), fato que sugere que apego em relação à mãe tende a mediar a relação entre controle comportamental materno e agressividade.

Na análise da variável de delinquência, demonstrada na Figura 4, pode-se observar que controle comportamental materno também se associa negativamente a esta variável (critério 1) e positivamente ao apego materno (critério 2). Essa última variável -apego materno- também se correlacionou negativamente a delinquência (critério 3). A análise hierárquica que testa a hipótese de mediação, (Figura 4) demonstra que com a entrada da variável mediadora no modelo, o valor de β diminui, passando de $-0,20$ para $-0,17$. A diferença entre os valores de β também tende a ser significativa ($Z = -1,77; p \leq 0,08$). Assim, a variável controle comportamental materno mostrou-se um preditor significativo para delinquência, o que indica que a mediação da variável apego em relação à mãe seja apenas parcial nessa regressão.

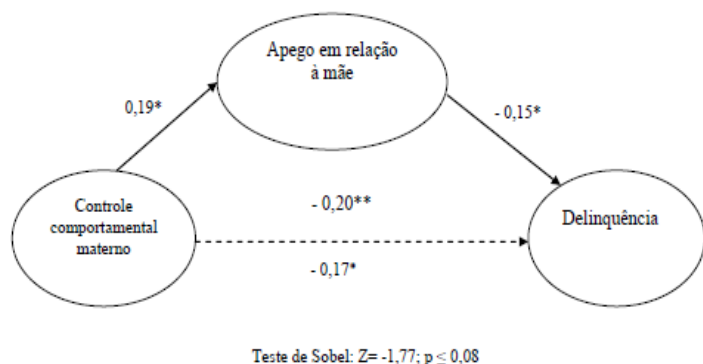


Figura 4. Apego em relação à mãe como mediador da associação entre controle comportamental materno e delinquência infantil.

Nota. Todos os valores são coeficientes betas padronizados obtidos nas análises de regressão.

** $p < 0,01$ * $p < 0,05$

No que diz respeito aos problemas internalizantes, nenhuma variável relativa às práticas parentais maternas predisse retraimento social (critério 1 não foi atendido). Portanto, a análise de mediação para retraimento social não pôde ser conduzida. Além disso, nem controle comportamental, nem controle psicológico estiveram associados à ansiedade/depressão (critério 1), fato que também inviabilizou a análise de mediação que envolveria essas variáveis predictoras.

Dessa forma, procedeu-se a análise de mediação do apego materno apenas para a ansiedade e depressão, a partir da variável rejeição materna. Primeiramente, observou-se que a correlação entre apego materno e ansiedade e depressão foi apenas marginal (critério 2), sugerindo que o seu papel mediador não seria confirmado. Em seguida, o papel mediador do apego materno na relação entre rejeição materna e ansiedade/depressão não foi confirmado, uma vez que a variável mediadora ao ser incluída, no *step 2*, não teve impacto significativo sobre a ansiedade e depressão. Dessa forma, conclui-se que apego materno exerce função de variável mediadora nos modelos que ligam tanto rejeição materna como controle comportamental materno aos problemas de comportamento exclusivamente externalizantes (agressividade e delinquência), mas não aos problemas internalizantes.

DISCUSSÃO

A hipótese de que o apego exerceria efeito mediador na relação entre práticas parentais maternas e problemas de comportamento externalizantes e internalizantes foi testada e parcialmente confirmada neste estudo.

Os resultados confirmaram o papel mediador do vínculo de apego materno na relação entre rejeição parental materna e agressividade dos filhos e entre rejeição parental materna e sinais de delinquência nos filhos. Da mesma forma, a função mediadora do vínculo de apego materno também foi observada para os modelos de regressão que relacionam controle comportamental materno e os comportamentos externalizantes. Para agressividade, a mediação observada foi completa, ou seja, a entrada da variável apego na equação de regressão, fez com que o efeito preditor do controle comportamental materno deixasse de existir. Para todas as demais análises as mediações observadas foram apenas parciais, ou seja, a inclusão da variável mediadora apenas diminuiu o efeito da variável preditora sobre a de critério.

Evidência de mediação do vínculo de apego na relação entre práticas parentais e problemas de comportamento do tipo externalizantes também foram encontradas por Bosmans et al. (2006) e Doyle e Markiewicz (2005). Mais recentemente, o papel potencialmente mediador de segurança emocional (um constructo relacionado ao apego) entre afeto materno e problemas externalizantes e internalizantes foi confirmado (Alegre et al., 2014). Pode-se pensar, no caso do presente estudo, que o impacto da rejeição materna sobre a agressividade e a delinquência parece ser tanto direto como indireto (dado que a mediação foi parcial para essas predições). Assim, comportamentos maternos que abertamente expressam rejeição em relação aos filhos tanto contribuem diretamente para o aumento

desses problemas de externalização (por exemplo, por meio de modelação, onde os filhos reproduzem entre os pares os comportamentos hostis dos pais) como também indiretamente, afetando a percepção dos filhos quanto à qualidade das relações parentais. A rejeição materna pode exercer impacto negativo sobre o modo como os filhos percebem a disponibilidade, responsividade e suporte maternos, que por sua vez associam-se diretamente aos problemas de externalização.

Da mesma forma, controle comportamental inadequado parece aumentar os riscos de os filhos apresentarem comportamentos antissociais na adolescência. Abaixa supervisão e a falta de disciplina por parte dos pais podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos delinquentes (Aunola & Nurmi 2005; Barber, 1996; Ferreira & Maturano, 2002; Laird et al., 2010). Estas práticas parentais permissivas também tendem a desencadear na criança um senso de desconfiança em relação à principal figura de apego, neste caso, a mãe (Bosmans et al., 2006).

Por outro lado, neste estudo, a mediação total do efeito da variável controle comportamental materno sobre a agressividade das crianças e adolescentes indica que a baixa monitoria e poucas regras de disciplina sobre o comportamento social dos filhos (indicadores de pouco controle comportamental) também prejudicam a percepção de um vínculo de apego seguro. Assim, essa percepção negativa da qualidade do vínculo de apego materno tende a produzir efeitos na agressividade. Este resultado corrobora os achados de Bosmans et al. (2006), mas é contrário aos achados de Doyle e Markiewicz (2005), uma vez que esses últimos concluíram, em seu estudo, que o apego parental não mediou o efeito do controle comportamental nem do controle psicológico sobre os problemas externalizantes. Para eles, o vínculo de apego mediou a relação entre afeto parental e problemas externalizantes. Dada a divergência de resultados, mais estudos são necessários para elucidar este fenômeno.

A hipótese de mediação do apego materno para ansiedade/depressão, a partir de rejeição materna não foi confirmada, estando em concordância com Doyle e Markiewicz (2005) que encontraram evidência de mediação do apego apenas para os problemas externalizantes, como foi mencionado anteriormente. Além disso, para as autoras, dentre as práticas parentais investigadas, apenas o controle psicológico esteve associado com o aumento de problemas internalizantes, mas esse efeito não foi mediado pela qualidade do

vínculo de apego. De acordo com as próprias autoras, este resultado foi inesperado uma vez que parece haver similaridades entre os comportamentos parentais marcados pelo controle psicológico e aqueles que levam à formação do apego inseguro (em especial o apego ansioso). Uma explicação alternativa seria que as mães que respondem ao questionário, que apresentaram práticas parentais de maior “rejeição”, seriam justamente as mães menos sensíveis aos problemas internalizantes de seus filhos. Reafirma-se, nesse caso, a importância, já discutida neste artigo, de se obter, em futuros estudos, dados referentes às práticas parentais e ao comportamento infantil a partir de outros cuidadores, que não somente a mãe. De qualquer forma, as autoras concluem que em função dos poucos estudos encontrados que testassem esta mediação, poderia haver apenas uma especulação de que o controle psicológico parental afetaria negativamente o vínculo de apego entre criança e pais, ocasionando, em decorrência disto, problemas internalizantes. Estudos futuros são necessários para maiores esclarecimentos destas questões conforme salientam as autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os resultados obtidos com crianças do sul do Brasil reforçam a literatura internacional sobre o papel mediador do vínculo do apego na relação entre práticas parentais maternas e problemas de comportamento na infância e adolescência. Ou seja, um dos aspectos que relaciona as práticas parentais negativas aos problemas de externalização é a percepção da qualidade de apego que a criança desenvolve em relação ao seu cuidador primário. Em outros termos, isto significa dizer que práticas parentais negativas, marcada por sentimentos de rejeição e pouco controle disciplinar, não afetam negativamente apenas o comportamento dos filhos, mas, também, o modo como eles percebem suas relações com os pais.

Neste sentido, este estudo avança em relação aos estudos disponíveis no Brasil que buscam apenas relacionar práticas parentais e problemas de ajustamento infantil. Além disso, fornece subsídios para aprofundar a compreensão dos fatores de risco e proteção na infância e para orientar a prática clínica e as ações preventivas junto às famílias.

Uma das limitações desse estudo é o número pequeno de pais (homens) participantes, o que levou a não inclusão destes nas análises realizadas. Possivel-

mente, contando-se com um número maior de pais relatando suas práticas e suas percepções do comportamento dos filhos, resultados importantes poderiam surgir no que se refere à possibilidade de a percepção do vínculo de apego paterno exercer um papel mediador na relação entre práticas parentais e problemas comportamentais.

Esse estudo acessou às percepções das crianças sobre a qualidade da relação de apego com seus pais, enquanto que as práticas parentais foram acessadas via relato das suas mães. A partir dessa perspectiva, com relação às medidas empregadas para medir as práticas parentais, sugere-se que futuros estudos incluam acessar também às percepções dos filhos acerca dessas práticas. Isto oportunizaria a análise das práticas de duas perspectivas: a dos pais e a dos filhos. É possível que a percepção dos filhos em relação à qualidade das práticas parentais a que são submetidos possa permitir análises mais esclarecedoras sobre as relações entre práticas parentais, qualidade do vínculo de apego e problemas comportamentais.

Além disso, os problemas de comportamentos das crianças foram relatados apenas pelos cuidadores. Dessa forma perdeu-se a oportunidade de cruzar informações sobre o funcionamento social das crianças, provenientes de outros ambientes sociais como o dos pares, o que certamente acrescentaria novos contornos ao quadro delineado neste estudo para se avançar mais na compreensão do impacto da interação de aspectos sociais e emocionais no desenvolvimento psicossocial da criança.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. (1978). The classification of child psychopathology: A review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin*, 85(6), 1275-1301.
- Achenbach, T. M., Howell, C. T., Quay, H. C., & Conners, C. K. (1991). National survey of problems and competencies among four- to sixteen-year-olds: parents' reports for normative and clinical samples. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 56(3), 1-131.
- Alegre, A., Benson, M. J., & Pérez-Escoda, N. (2014). Maternal warmth and early adolescents' internalizing symptoms and externalizing behavior: Mediation via emotional insecurity. *The Journal of Early Adolescence*, 34(6): 712-735.
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The Role of Parenting Styles in Children's Problem Behavior. *Child Development*, 76(6), 1144-1159.
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67(6), 3296-3319.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173-1182.
- Booth-Laforce, C., Oh, W., Kim, A. K.; Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. (2006). Attachment, self-worth, and peer-group functioning in middle childhood. *Attachment & Human Development*, 8(4), 309 - 325.
- Booth, C. L., Rose-Krasnor, L., McKinnon, J. A., & Rubin, K. H. (1994). Predicting social adjustment in middle childhood: The role of preschool attachment security and maternal style. *Social Development*, 3(3), 189-204.
- Bosmans, G. Braet, C., Van Leeuwen, K., & Beyers, W. (2006). Do parenting behaviors predict externalizing behavior in adolescence, or is attachment the neglected 3rd factor? *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 373-383.
- Bowlby J. (1990/1977). *Apego*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J (1984/1973). *Separação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brumariu, L. E., & Kerns, K. A. (2010). Parent-child attachment and internalizing symptoms in childhood and adolescence: A review of empirical findings and future directions. *Development and Psychopathology*, 22(1), 177-203.
- Cohen, J., & Cohen, P. (1983). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences* (2nd edition). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Connor, J. J., & Rueter, M.A. (2006). Parent-child relationship as systems of support or risk for adolescent suicidality. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 143-155.
- Cosgrove, V. E., Rhee, S. H., Gelhorn, H. L. Boeldt, D., Corley, R. C., Ehringer, M. A., Young, S. E., & Hewitt, J. K. (2011). Structure and etiology of co-occurring internalizing and externalizing disorders in adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(1), 109-123.
- Desjardins, T. L., & Leadbeater, B. J. (2011). Relational victimization and depressive symptoms in adolescence: moderating effects of mother, father, and peer emotional support. *Journal of Youth Adolescence*, 40 (5), 531-544.
- Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2005). Parenting, marital conflict and adjustment from early- to mid- adolescence:

- Mediated by adolescent attachment style? *Journal of Youth and Adolescence*, 34(2), 97-110.
- Fearon, R. P., Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Lapsley, A. M., & Roisman, G.I. (2010). The significance of insecure attachment and disorganization in the development of children's externalizing behavior: A meta-analytic study. *Child Development*, 81(2), 435-456.
- Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.
- Finkenauer, C., Engels, R. C. M. E., & Baumeister, R. F. (2005). Parenting behaviour and adolescent behavioural and emotional problems: The role of self-control. *International Journal of Behavioral Development*, 29(1), 58-69.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63(1), 103-115.
- Gault-Sherman, M. (2011). It's a two-way street: The bidirectional relationship between parenting and delinquency. *Journal of Youth Adolescence*, 41(2), 121-45.
- Judd, C. M., & Kenny, A. (1981). Process analysis: estimating mediation in treatment evaluations. *Evaluation Review*, 5(5), 602-619.
- Karreman, A., van Tuijl, C., van Aken, M. A. G., & Dekovic, M. (2009). Predicting young children's externalizing problems interactions among effortful control, parenting, and child gender. *Merrill-Palmer Quarterly*, 55(2), 111-134.
- Kerns, K. A., & Richardson, R. A. (2005). *Attachment in middle childhood*. New York: Guilford Press.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. K. (1996). Peer relationships and preadolescents' perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental Psychology*, 32(3), 457-466.
- Lacourse, E., Coté, S., Nagin, D. S., Vitaro, F., Brendgen, M., & Tremblay, R. E. (2002). A longitudinal: experimental approach to testing theories of antisocial behavior development. *Development and Psychopathology*, 14(4), 909-924.
- Laird, R. D., Marrero, M. D., & Sentse, M. (2010). Revisiting parental monitoring: evidence that parental solicitation can be effective when needed most. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(12), 1431-1441.
- Liu, Y. (2008). An examination of three models of the relationships between parental attachments and adolescents' social functioning and depressive symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(8), 941-952.
- Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2010). Editorial: Developmental cascades. *Developmental Cascades, Development and Psychopathology*, 22(3), 491-495.
- Masten, A.S., Roisman, G.I., Long, J.D., Burt, K.B., Obradovic, J., Riley, J.R., et al. (2005). Developmental cascades: Linking academic achievement and externalizing and internalizing symptoms over 20 years. *Developmental Psychology*, 41(5), 733-746.
- Mathiesen, K. S., Sanson, A., Stoolmiller, M., & Karevold, E. (2009). The nature and predictors of undercontrolled and internalizing problem trajectories across early childhood. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(2), 209-222.
- Moffitt, T. E., Caspi, A., Dickson, N., Silva, P., & Stanton, W. (1996). Childhood-onset versus adolescent-onset antisocial conduct problems in males: Natural history from ages 3 to 18 years. *Development and Psychopathology*, 8(2), 399-424.
- Nishikawa, S. Häggglöf, B., & Sundbom, E. (2010). Contributions of attachment and self-concept on internalizing and externalizing problems among Japanese adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 19(3), 334-342.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M., Vieira, M. L. (2013). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia (USP. Ribeirão Preto)*, 23(56), 369-377.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M., Vieira, M. L., Rubin, K. H. (2013). Externalizing and internalizing problems: Contributions of attachment and parental practices. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 137-147.
- Pedhazur, E. J. (1997). *Multiple Regression in Behavioral Research* (3rd ed.). Orlando, FL: Harcourt Brace.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 36(4), 717-731.
- Rickel, A. U., & Biasatti, L. L. (1982). Modification of the block child-rearing practices report. *Journal of Clinical Psychology*, 38 (1), 129-134.
- Roelofs, J. Meesters, C., ter Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 331-344.
- Rohner, R. P., & Britner, P. A. (2002). Worldwide mental health correlates of parental acceptance-rejection: review of cross-cultural and intracultural evidence. *Cross-Cultural Research*, 36(1), 16-47.
- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. M., & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 187-195.

- Sawyer, M. G., Arney, F. M., Baghurst, P. A., Clark, J. J., Graetz, B. W., Kosky, R. J., et al. (2001). The mental health of young people in Australia: Key findings from the child and adolescent component of the national survey of mental health and well-being. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35 (6), 806-814.
- Soenens, B., Luyckx, K., Vansteenkiste, M., & Duriez, B. (2008). Clarifying the link between parental psychological control and adolescents' depressive symptoms reciprocal versus unidirectional models. *Merrill-Palmer Quarterly*, 54(4), 411-444.
- van Brakel, A. M. L., Muris, P., Bogels, S. M., & Thomasen, C. (2006). A multifactorial model for the etiology of anxiety in nonclinical adolescents: Main and interactive effects of behavioral inhibition, attachment, and parental rearing. *Journal of Child and Family Studies*, 15(5), 568-578.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalisation, anxiety and coping behaviour in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34(3), 521-532.

Recebido em: 24/06/2013
Última Revisão em: 17/09/2014
Aceito em: 03/01/2015